

CORPO E NEURODIVERSIDADE: UMA EXPERIÊNCIA EM DANÇA-EDUCAÇÃO

Talita de Oliveira Costa Silva

Universidade do Estado da Bahia – UNEB - talitaoliveirac@gmail.com

Introdução

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a Dança-Educação tendo como território de pesquisa o Grupo de Dança Ubuntu, formado por adolescentes moradores do bairro do Engenho Velho da Federação na capital baiana. Neste contexto discutirei aqui algumas etapas do trabalho realizado com jovens neurodiversos, e, mais especificamente, jovens autistas, no âmbito da dança contemporânea e exploração de técnicas de improvisação. Apresento aqui reflexões sobre as contribuições da dança enquanto experiência corporal e artística para a educação de jovens neuro atípicas, contextualizando as questões do corpo que dança a partir do referencial integrativo e especialmente a partir da aprendizagem motora voltada para o enfoque do saber sentido-experiência, e não do saber acadêmico.

Neste texto a reflexão se dará sobre o ensino da dança em si, pautado na experiência individual e no *eu-mental-corporal* em toda a sua complexidade. Considerarei aqui para fins de análise o *corpo-mente* do indivíduo autista na fase da adolescência e utilizo para fins de pesquisa as metodologias de entrevistas e etnografia, com objetivo de observar a utilização da dança não como técnica e busca do movimento perfeito, mas sim a Dança-Educação como fonte de conhecimento para formação de cidadãos críticos, participativos e autônomos.

No primeiro tópico discutirei o paradigma da neurodiversidade e seus desdobramentos. No tópico seguinte tratarei especificamente da educação do corpo no cenário da neurodiversidade, explorando as possibilidades de aprendizagem e a importância da compreensão dos limites do corpo: *esquema corporal*, *imagem corporal* e *ego corporal*. Por fim tratarei mais especificamente da dança como experiência, onde nos propomos a uma investigação do ser, partindo da formação anatômica do corpo do sujeito, mas, não deixando de lado vivências, lembranças e o despertar de suas sensibilidades, neste sentido nos dedicamos à exploração das experiências de vida dos alunos e à compreensão do *corpo-mente*, esta soma que direciona as ações pedagógicas, de pesquisa e o processo de criação do Grupo de Dança Ubuntu, considerando as relações do interno e do entorno do sujeito como uma rede de comunicação não estática, fazendo com que o indivíduo esteja em constante diálogo com o outro e com o meio, ao tempo em que se dedica ao processo de escuta de si, formando assim uma ampla rede de percepções.

O Paradigma da Neurodiversidade

O paradigma da neurodiversidade é um tema que vem sendo discutido tanto no meio acadêmico quanto na medicina, o termo foi cunhado pela socióloga australiana e autista de alto funcionamento, Judy Singer, e, indica que para a espécie humana a variedade de conexões e anatomias cerebrais possíveis pode se constituir uma diversidade tão importante quanto a biodiversidade é para o meio ambiente. Os estudos sobre neurodiversidade corroboram com a teoria de que na pós-modernidade “tudo que é sólido desmancha no ar”, “[...] até mesmo a garantia de que todos (mais ou menos) veem, sentem, tocam, ouvem, cheiram e processam as informações (mais ou menos) da mesma forma [...] está sendo desmanchada” (SINGER, 1998, p.10, tradução nossa)¹

A ideia que apresento neste estudo é a de que as nossas experiências corporais, bem como a forma como se processam as informações em um cérebro neuroatípico ou neurodiverso constituem uma parceria imprescindível para formação do indivíduo. O diálogo com o corpo é a fase inicial à compreensão do mundo, é através do corpo que percebemos o mundo ao redor, o corpo é a nossa primeira instância de contato com o meio externo e só a partir deste contato é que as informações e percepções adquiridas são manejadas internamente para que se crie uma consciência da experiência vivida. O ambiente compartilhado ou o ethos sociológico o qual percebemos através na nossa instância primeira de comunicação com o mundo, o corpo, se transforma nas nossas experiências pessoais, saberes e, muitas vezes, em ações da vida cotidiana, o corpo nos permite interagir com esse ethos, senti-lo e transformá-lo em algo que nos dê subsídio para construção de quem somos e de como enxergamos o mundo.

Uma das principais questões associadas ao autismo, ainda pouco discutida no meio médico e acadêmico, é o transtorno do processamento sensorial, que afeta justamente esta percepção de mundo através do corpo. GRANDIN (1999, p. 32) afirma que “[...] quando criança, era frequente o ‘mundo das pessoas’ ficar estimulante demais para os seus sentidos”. O corpo se propõe a experimentação do mundo, mas o cérebro processa essa informação de forma diferenciada, muitas vezes causando incômodos ou frustrações nestes indivíduos. Ao mesmo tempo, é possível que algumas experiências corporais sejam mais prazerosas para um autista que para um neurotípico, a exemplo da experiência em rodar em volta do próprio corpo, que pode ser bem desagradável para algumas pessoas e para alguns autistas causa uma grande sensação de prazer, pois de certo modo organiza uma percepção sensorial vestibular comprometida. No entanto é importante lembrar que cada indivíduo é único nas suas percepções e o que acomoda o sistema sensorial de um pode desencadear uma sobrecarga sensorial em outro.

A conscientização acerca do autismo é crescente, militantes e ativistas autistas a exemplo de Temple Grandin, Donna Williams e Jim Sinclair foram e são de extrema importância para compreensão da identidade dos indivíduos autistas, suas demandas e suas possíveis limitações. É importante ressaltar que Singer considera em seus estudos um escopo

¹ “[...] even our most taken-for granted assumptions: that we all more or less see, feel, touch, hear, smell, and sort information, in more or less the same way, [...] are being dissolved.”

maior da Neurodiversidade que não somente o autismo, podendo abranger algumas classificações do DSM-5².

Esta palavra Neurodiversidade não surgiu do nada, trata-se do ponto culminante da minha pesquisa acadêmica e de uma vida inteira de experiências pessoais de exclusão e invalidação como uma pessoa lutando em uma família afetada por uma “deficiência invisível” que nem nós, nem a sociedade reconhecíamos pelo que de fato era. **Ainda assim nós certamente sabíamos como nos proteger do olhar crítico dos neurotípicos, e, desenvolvemos uma série de estratégias para tentar parecer normais.** (SINGER, 1998, p.13, tradução nossa, grifo nosso)³.

O movimento da Neurodiversidade se consolida no século XXI, assim como outros movimentos sociais que o precederam, como um movimento de apoio e valorização da diversidade humana, ainda que questionado por pais de crianças autistas que necessitam de maior suporte no seu desenvolvimento e, ainda que, alguns autistas manifestem seus desejos de “cura”, a neurodiversidade tornou-se tema de debates nos principais cenários voltados às discussões sobre biologia humana, diversidade e identidade.

Educação do Corpo na Neurodiversidade

Quando se experiêcia uma educação voltada para o corpo podemos perceber o quão singular é esta relação do corpo com o que chamaremos aqui de *não-corpo*, este *não-corpo* pode ser uma estrutura social, um outro corpo que não o do indivíduo que vivencia a experiência de troca, ou, simplesmente, elementos do cosmos que nos fazem perceber o mundo em sua complexidade. A este processo de reconhecimento damos o nome de “*esquema corporal*” (Nanni, 2008, p.21).

Se considerarmos aqui o *esquema corporal* de um indivíduo autista, com suas peculiaridades e/ou limitações sensoriais devemos atentar para o fato de que muitas vezes este indivíduo não percebe os estímulos tal qual um indivíduo neurotípico, e, podemos inicialmente considerar que suas respostas a estes estímulos poderão ser consideradas socialmente “inadequadas” ou pouco usuais. Assim como nas terapias de integração sensorial⁴ o movimento através da dança se propõe a estimular os sentidos e ajustá-los aos limites do corpo, sendo possível educar o corpo para realizar tarefas que antes poderiam ter sido consideradas como impossíveis. As técnicas de dança podem colaborar para integração de um sistema vestibular altamente sensível ou ainda favorecer a percepção do corpo no espaço (propriocepção).

Autistas com problemas de integração sensorial podem apresentar dificuldade em interpretar e organizar as informações sensoriais vindas do seu próprio corpo ou do ambiente. No âmbito sensorial temos ainda uma divisão entre *hipo-resposta* e *hiper-resposta*. No primeiro caso o indivíduo manifesta reação aquém do esperado, quando a pessoa não se incomoda com barulhos muito altos ou não fica tonta ao girar sem parar, por exemplo. No segundo caso o indivíduo apresenta uma reação além do esperado aos estímulos, a exemplo de

² Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição ou DSM-5 é um manual diagnóstico e estatístico feito pela Associação Americana de Psiquiatria para definir como é feito o diagnóstico de transtornos mentais.

³ “This Word Neurodiversity did not come out of the blue, but was the culmination of my academic research and a lifetime of personal experiences of exclusion and invalidation as a person struggling in a family affected by a hidden disability that neither we nor society recognised for what it was. Nevertheless, we sure knew how to shield ourselves from the critical neurotypical gaze, and had developed plenty of strategies to pass for normal.

⁴ Integração Sensorial é a habilidade em organizar, interpretar sensações e responder apropriadamente ao ambiente, auxiliando nas atividades do dia-a-dia. (INSTITUTO INDIANÁPOLIS)

peças que enjoam ao andar de carro ou que se incomodam fortemente a ponto de se desorganizarem corporalmente com barulhos como de liquidificador. Podem ainda apresentar uma sensibilidade tátil que faz com que reajam emocionalmente ou de forma fisicamente agressiva ao toque (*hiper-resposta*) ou apresentar necessidade incomum de tocar e/ou cheirar certas superfícies, texturas ou pessoas (*hipo-resposta*). É importante lembrar que os transtornos do processamento sensorial não são exclusividade de autistas, muito menos de neurodiversos, e, são mais comuns do que imaginamos.

O trabalho de corpo que se preocupa com a integração sensorial deve considerar vincular a aprendizagem motora a uma variabilidade das percepções, interpretações e da expressão dos estímulos recebidos. Sendo assim:

“A inter-relação do binômio Corpo e Movimento se volta para dois pontos fundamentais: a percepção do mundo pela capacidade [biológica] de assimilar, apreender e reavaliar o meio ambiente a sua volta; e a relação com este mundo pela capacidade afetiva de estabelecer contato com o mesmo em harmoniosa integração. O equilíbrio destes dois aspectos harmoniza o sentido de apreensão do mundo e integração do homem consigo mesmo pela consciência de si e do seu próprio meio através da associação de diferentes corpos: corpo físico, corpo mental, corpo emocional, corpo social e corpo político ideológico” (NANNI, 2008, p. 144 e 145)

Na educação do corpo trabalhamos ainda com mais dois aspectos que formam o tripé da consciência corporal plena, a *imagem corporal* e o *ego corporal*. A *imagem corporal* se refere a representação mental do corpo que se conhece como figura. De acordo com Le Breton (2012), no fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico. Este corpo mediador por inúmeras vezes sofre preconceitos e procura se ajustar ao modelo esperado, desencadeando um processo de negação do corpo que nos pertence, fazendo com que se persigam padrões inatingíveis, tornando este corpo um elemento do imaginário social vigente.

A medicina e a mídia exercem papéis preponderantes na disseminação dessa imagem do “corpo normatizado”, por um padrão químico-anatômico ou do “corpo desejado”, definido por padrões de beleza e estética, e, através das suas incursões incessantes em nos mostrar como deve ser este corpo socialmente agradável e biologicamente correto, nos convence de que o nosso corpo é inapropriado ou indevido e cria rótulos.

A imagem do corpo de um indivíduo autista também carrega os seus estereótipos, é comum ouvirmos que o autista possui limitações na coordenação motora fina e grossa (como se este fosse um destino o qual não se pode desviar), também não é incomum encontramos indivíduos neurodiversos que não se identificam com o corpo que possuem, seja por questões relacionadas a gênero ou de habilidades corporais. Pela minha experiência de educação do corpo com jovens e crianças autistas o que posso afirmar é que este corpo construído a partir de determinações de um modelo médico-biológico, que encontra grande apoio na mídia, sente-se comumente inadequado as demandas que se apresentam e que esta inadequação na maioria das vezes se estabelece a partir de padrões impostos para normatizar o funcionamento “pleno” do corpo humano, desconsiderando as especificidades e a identidade corporal do indivíduo.

O *ego*⁵ *corporal*, revela as pulsões e tendências profundas do ser, além da percepção das características do corpo. NANNI (2008, p. 33) afirma que o *ego corporal* “estabelece

⁵ Ego designa na teoria psicanalítica uma das três estruturas do modelo do aparelho psíquico.

ligação de fatores afetivos inconscientes e sua relação com a evolução conceitual de uma educação de base psicomotora; a relação Pulsão de vida⁶ e Pulsão de movimento [...]”. Este conceito de Pulsão de vida se baseia na necessidade biológica do movimento como fonte de prazer.

Pelas hipóteses freudianas o prazer do movimento é todo o gesto vivido. A aprendizagem motora espontânea, criativa, expressa através da ação simbólica trabalha o movimento, cria relação com o objeto, com os outros, com o mundo, consigo mesmo, respaldada pelo desejo psíquico, na satisfação da necessidade e do prazer [...]. (NANNI, 2008, p. 28)

A vivência da dança com jovens neurodiversos favorece a projeção para fora de si mesmo (eu real) e é a base de um desejo de expressão e comunicação. Dança é forma, é veículo de comunicação e expressão, fonte de espontaneidade e aprendizagem motora dinâmica, variada e criativa, o que torna o trabalho de corpo fonte de prazer constante para quem o realiza, fazendo com que o indivíduo se sinta participante ativo de um determinado ethos cultural, social e político.

Dança-Educação: experiência para a vida

A arte nos traz possibilidades de exploração não somente das nossas aptidões, mas também, e, especialmente, nos possibilita explorar a interação, com o outro, com si mesmo e com o meio. A experiência vivida na arte nos desnuda de padrões e modelos, fazendo-nos perceber a variabilidade de ações, intenções e produções possíveis na nossa relação com o mundo. A Dança como elaboração do sujeito permite, além da vivência do processo criativo em si e de um mergulho profundo no ser, uma elaboração da corporeidade e da expressão.

A autoexpressão e o reconhecimento individual são essenciais para criação artística e para inter-relação *corpo-mente*, isso não se limita a enriquecer a parte individual de cada um, senão o todo do grupo. Devemos exigir de nós mesmos um trabalho intenso e constante de comunicação sensorial antes de nos aproximarmos de alguém a quem devemos nos doar, mesmo que por instantes, nos melhorar sistematicamente para que tenhamos ideias claras sobre quem somos, o que nos move e como nos movemos, caminhando e vivendo a cada instante e à medida que nos entregamos. No campo da neurodiversidade o que pude observar até aqui é que o movimento e a possibilidade de estimulá-lo (com música, sons, texturas, cheiros, etc) revela a identidade profunda do indivíduo e isso só é possível; aprimorando as experiências no campo sensorial, fazendo sentir a possibilidade criadora que tem dentro de cada um e identificando elementos que nos une na experiência e nos permite aprofundar as sensações.

Deste modo trabalhamos não somente o corpo e o cérebro isoladamente, mas o *corpo-mente* do indivíduo associado à cultura, estimulando-os a um reencontro consigo mesmo. Desencadeando um processo de análise e conhecimento de si que permite mostrar-se ao outro sem amarras e máscaras e, permite libertar este corpo aprisionado em regras, normatizações e rigores. Entendendo o corpo como elemento primordial de relação com o mundo e transformando as ligações que esta relação proporciona em uma identidade complexa e real, para além dos sistemas classificatórios.

⁶ Conceito Freudiano que designa experiências para obtenção de prazer e preservação da vida.

Referências Bibliográficas

- DEWEY, J. (1934) **Arte como Experiência**. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DONVAN, J; ZUCKER, C. **Outra Sintonia – A História do Autismo**. Ed: São Paulo: 1ª Edição: Companhia das Letras, 2017.
- FREIRE, I. M. **Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento**. Cad. CEDES, Campinas , v. 21, n. 53, p. 31-55, Apr. 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Sept. 2018. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000100003>>.
- FREUD, Sigmund (1930 [1929]) **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FUX, M. **Dança , Experiência de Vida**. Ed. São Paulo: 2ª. Edição: Summus, 1983.
- GRANDIN, T. (2013) **O Cérebro Autista**. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- GRANDIN, T. (1986) **Uma Menina Estranha**. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: 6ª Edição: Vozes, 2012. ISBN 978-85-326-3327-9.
- MILLER, J. **O corpo presente: uma experiência sobre dança-educação**. ETD – Educ. Temát. Digit., Campinas, SP, V.16, n. 1, p.100-114, jan./abr. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/386650345/o-Corpo-Presente-Jussara-Miller>> . Acesso em: 18 de março de 2018.
- NANNI, D. **Dança Educação – Princípios Métodos e Técnicas**. Ed. Rio de Janeiro: 5ª. Edição: Sprint, 2008.
- ORTEGA, F. **O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade**. Mana [online]. 2008, vol.14, n.2, pp.477-509. ISSN 0104-9313. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v14n2/a08v14n2.pdf>>. Acesso em: 30 de out. de 2017.
- OSSONA, P. **A Educação pela Dança**. Ed. São Paulo: Summus, 1988.
- SINGER, J. **Neurodiversity: the birth of an idea**. Print version published 2017. Copyright 2016, 2017. ISBN 978-0-6481547-0-9.